

# A DIMENSÃO HUMANA ROUSSEAUNIANA

Autonomia e a possível adaptação à essência

## THE ROUSSEAUIAN HUMAN DIMENSION

Autonomy and the possible adaptation to essence

---

Fábio José dos Santos

Mestre em Filosofia pela UEL. Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: [fabio.santos0208@uel.br](mailto:fabio.santos0208@uel.br).

Arlei de Espíndola

Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: [earlei@uel.br](mailto:earlei@uel.br).

**Resumo:** O artigo tem como objetivo evidenciar o homem rousseauiano que se desnaturou, mas que enxerga possibilidades de aproximação com a sua natureza, ou seja, o homem que mesmo inserido em sociedade, em um cenário corrompido tem contato com momentos que o aproximam de sua “essência perdida”, de modo assim a formar um ambiente natural neste cenário. Utilizamos como obras fundamentais, o Livro V de *Emílio*, a Quinta Caminhada dos *Devaneios* e as Cartas XI (quarta parte) e II (quinta parte) do romance *Júlia ou A Nova Heloísa*. Concluimos que, apesar do cenário caótico em que o homem se inseriu, a sua identidade natural permanece intacta e, desse modo, ele pode reconciliar-se com a sua natureza e cultura, tendo em vista a sua autonomia e o consequente desenvolvimento de suas potencialidades.

**Palavras- chave:** Essência. Autonomia. Homem.

**Abstract** The article aims to highlight the rousseauian man who has denatured himself, but who sees possibilities of getting closer to his nature, that is, the man who, even when inserted in society, in a corrupted scenario has contact with moments that bring him closer to his “essence”. lost”, in order to form a natural environment in this scenario. We used as fundamental works, Book V of *Emílio*, Quinta Caminhada dos *Devaneios* and Letters XI (fourth part) and II (fifth part) of the novel *Júlia ou A Nova Heloísa*. We conclude that, despite the chaotic scenario in which man finds himself, his natural identity remains intact and, in this way, he can reconcile himself with his nature and culture, taking into account his autonomy and the consequent development of his potential.

**Keywords:** Essence. Autonomy. Man.

## INTRODUÇÃO

O homem surge como um fenômeno natural e tende a ser desnaturado pelas instituições sociais<sup>1</sup>, mas a natureza humana, incluindo sua bondade, para Rousseau, são intocáveis e perduram em sua essência. É como se criasse uma espécie de “casca” que obstruísse o verdadeiro coração humano e obscurecesse a natureza genuína<sup>2</sup> do homem. Conforme alerta Salinas Fortes, “o que vemos diante de nós é uma degradação, uma degenerescência dessa natureza originária, em si mesma límpida e rica em potencialidades” (Salinas Fortes, 1989, p. 32). Bento Prado Jr. destaca que o homem é o único ser que pertence ao invisível, ou seja, ele criou uma rede de relações essencialmente invisível constituindo sua realidade própria no processo de desnaturação (Prado Jr., 2018, p. 338).<sup>3</sup>

A degeneração veio pelas próprias mãos do homem, então cabe a ele próprio reconciliar-se com sua natureza. O homem possui as marcas da beleza, de modo que todas as ações formativas devem realçar tais marcas para evitar a sua deterioração.

Desse modo, chegamos ao ponto em que o homem se desnatura, mas ainda assim, devido à sua bondade originária, é uma espécie possível de adaptação à essência. A formação direcionada a Emílio demonstra a peculiaridade desse ponto: é preciso reconstituir o homem em um caminho mais próximo de sua natureza. Rousseau destaca seu Emílio como a personificação do ser mais preparado para lidar com os tormentos da sociedade e bem representar o homem natural constituído, já presente na sociedade.

A tarefa de recuperar a imagem perdida do homem primitivo é árdua, já que o homem assume um novo formato, intensificado pelas novas concepções de mundo que o cercam, que o afastaram de sua beleza original. O homem moderno possui as acepções que são decorrentes do tempo histórico, que integram e constroem a sua constituição. Nesse sentido, a tarefa da formação humana *rousseauiana* deve ter o condão de resgatar a essência da natureza humana e promover

---

1 A desnaturação ocorre por diversos mecanismos: seja pela educação tradicional, que enfatiza conhecimentos abstratos, ignorando a natureza e a experiência; seja pela influência social, que expõe convenções, normas e expectativas que moldam o comportamento; ou até mesmo a propriedade privada, que cria desigualdade e competição. Desse modo, desnaturado significa que o ser humano perdeu sua natureza original, inocente e virtuosa, devido à influência corruptora da sociedade.

<sup>2</sup> Caracterizada fortemente por alguns aspectos como inocência, liberdade, igualdade, compaixão, autossuficiência, simplicidade e virtude.

<sup>3</sup> O comentador transmite a ideia de que o homem, ao se afastar de sua natureza original, cria uma realidade própria baseada em relações abstratas e invisíveis. Rousseau argumentava que o homem natural é inocente, livre e igual. A desnaturação ocorre quando ele se torna parte da sociedade civilizada, perdendo sua conexão com a natureza. Bento Prado Jr. (2018), expande essa ideia, destacando que o homem cria uma realidade própria, que o afasta ainda mais de sua natureza original

a vida em sociedade.<sup>4</sup>

Os dois primeiros discursos<sup>5</sup> sinalizam o processo de degradação na medida em que o homem se afasta da simplicidade que está na natureza.<sup>6</sup> Nesse sentido, o *Emílio* nos convida a refletir sobre a educação de um indivíduo que terá de buscar ser feliz mesmo em uma sociedade corrompida.

Para Rousseau, o ato de “voltar-se ao interior” revela o universo que o homem deve explorar. O genebrino valoriza a consciência e aquilo que o coração indica. A cultura do homem deve tomar novas formas para que se consiga uma reaproximação com a natureza, por isso a importância de se aprofundar no significado da natureza rousseauiana.

Após as publicações de *Emílio* e *Contrato Social*, Rousseau passa a sofrer perseguições. Nesse período, ele se dedica à escrita de suas obras autobiográficas e a herborização. Rousseau enxerga nesse ambiente natural uma tentativa de preencher o seu vazio, a sua solidão, de uma forma não forçada, transmitida através da natureza. Esta paisagem natural se torna nítida na passagem de Jean Starobinski que afirma que “através do vazio e da pureza de uma consciência profundamente ociosa, os objetos naturais podem inocentemente transparecer, tornar-se aparentes sem que nada os tenha desfigurado” (Starobinski, 2011, p. 321).

Vale lembrar que a saída de Rousseau de grandes centros urbanos em busca de um refúgio, um local mais pacato, distante das grandes aglomerações da sociedade, é corriqueira em sua vida. Rousseau e a vida retirada em meio aos prazeres campestres parecem ser sinônimos. No reduto denominado Ermitage, tenta “ressaltar o autêntico vínculo que ele possui com o ambiente rural, assim como o prazer de se afastar da vida tumultuada da cidade e encontrar na solidão a tranquilidade que lhe faltava” (Bezerra, 2019, p. 29).

No final de sua vida, Rousseau é convidado pelo Marquês de Girardin a passar uma temporada em Ermenonville, um parque que havia sido projetado a fim de efetivar uma “integração entre a natureza, as casas e as pessoas” (Pissarra, 2002, p. 34). Nesse local, o filósofo se dedicou à redação dos *Devaneios* em suas últimas cinco semanas.

Percebe-se que Rousseau sempre esteve ligado aos refúgios como campos, bosques, florestas, como se isso representasse uma “saída” dos grandes centros urbanos da sociedade.

Nesses tranquilos refúgios, o genebrino se depara com a sua própria natureza, consequência dos prazeres e impressões que adquire através das experiências que tais ambientes lhe

---

<sup>4</sup> A vida deve ser reformulada para recuperar a essência da natureza humana. Rousseau não defende um retorno completo à vida primitiva, mas sim uma sociedade que combine igualdade, liberdade e virtude da natureza humana com a necessidade de convivência social.

<sup>5</sup> *Discurso sobre as ciências e as artes* (1750) e *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens* (1755).

<sup>6</sup> Significa a perda da essência humana que ocorre quando o homem se afasta de sua natureza original.

proporcionam. A sensibilidade que estas estadias proporcionavam, com ambientes bucólicos, era tão forte que até mesmo influenciaria o filósofo em sua escrita: “uma das obras que planejava escrever versaria sobre como as impressões dos objetos exteriores afetam a vida interior de tal forma que são capazes de alterar profundamente o comportamento humano” (Bezerra, 2019, p. 31).

## **LIVRO V DO EMÍLIO: O HOMEM NATURAL CONSTITUÍDO**

O Livro V de *Emílio*, último da obra, lança bases ao casamento na formação do jovem, na busca da pessoa ideal para conviver com Emílio. Essa pessoa, descrita por Rousseau, é chamada Sofia e possui características como virtude, simplicidade, compaixão e beleza interior. De modo geral, Sofia complementa as qualidades de Emílio, equilibrando sua formação. O livro ainda contém uma versão concisa do *Contrato Social*, no qual aborda a educação política de Emílio.

Emílio, o homem virtuoso, formado para viver em sociedade, deve ter assegurada a integridade das suas condições naturais essenciais. Esse processo deve visar à boa convivência social entre os seus pares.

Em toda a trajetória do personagem Emílio, acompanhada por seu preceptor, é notório o objetivo da obra em educar o homem para que esteja preparado para viver em uma sociedade corrompida. Buscando uma formação junto à natureza, este é o “artífice” para que o jovem seja preservado dos grandes vícios que a sociedade apresenta. Desse modo, Emílio, esse homem virtuoso provido com tantas características, possui habilidades e qualidades e está constituído para desenvolver seu potencial em sociedade.

No mesmo espírito da formação do homem natural e virtuoso, Rousseau descreve no Livro V uma espécie de resumo do *Contrato Social*, onde reflete sobre as características do “direito de escravidão” proposto pelo pacto social entre os homens (Rousseau, 2014, p. 679-680). *A priori*, o chamado “direito de escravidão” seria um modo de o homem alienar-se um ao outro. O genebrino ressalta que apesar de a natureza humana se encarregar de determinar alguns aspectos ao homem, principalmente no que se refere à sua conservação, “a razão lhe prescreve o que deve fazer e aquilo que deve se abster” (Rousseau, 2014, p. 679).

As reservas e restrições do “direito de escravidão” celebram um verdadeiro contrato em que não há nenhum superior comum, o corpo moral e coletivo é o próprio juiz. O homem, nesse processo do qual se incumbe para bem viver, deve ser “livre enquanto parte dele e capaz de rompê-lo tão logo se julgue lesado” (Rousseau, 2014, p. 679).

O contrato, tácito, é formado entre o povo. Nas palavras de Rousseau (2014, p. 680): “Contrato Social é a base de toda sociedade civil e é na natureza desse ato que se deve procurar a da sociedade que ele forma”. Fazendo uma analogia ao ambiente natural, o ato de colocar em comum os bens de cada pessoa, levanta uma característica holística tal qual a que vemos no ambiente natural. Característica essa que ressalta a harmonia, o todo e a visão de igualdade e bem estar.

Na perspectiva da sociedade formada a partir do pacto, a preservação da estabilidade política depende da convivência harmônica e das boas relações entre as partes. A teoria política de Rousseau não se reduz à amizade, mas na capacidade do homem em saber viver em unidade, ou seja, viver em harmonia com os seus pares, distante da concentração no individualismo e dos conflitos. O bem-estar coletivo é importante para Rousseau, por isso defende a ideia de pacto social para que os membros dessa sociedade possam viver em segurança.

Também o Livro V ressalta as viagens do jovem Emílio (Rousseau, 2014, p. 665). Neste quesito, Rousseau deseja que seu pupilo conheça as províncias mais afastadas. Nesse sentido, o ambiente natural é envolto de menos movimento e comércio como o das grandes capitais. Para Rousseau, Emílio precisa “estudar o gênio e os costumes de uma nação”. É necessário ver a capital de maneira rápida, e observar o país mais além. Nas suas próprias palavras: “É nas grandes distâncias, da Capital ao interior, que um povo se caracteriza e se mostra tal como é, sem misturas” (Rousseau, 2014, p. 692).

Rousseau quer a amplitude, deseja ampliar o horizonte do jovem, pois para conhecer, de fato, um povo, é necessário ir além de suas grandes cidades. É preciso conhecer o campo. Nele, o espírito não é o mesmo da cidade. De acordo com o filósofo de Genebra, “quem faz o país é o campo, e quem faz a nação é o povo do campo” (Rousseau, 2014, p. 694). Mais uma vez, Rousseau remete ao ambiente natural próximo à natureza campestre, como se essa fosse a atmosfera que completasse o homem e, neste caso, facilitaria para o entendimento de um país.

A simplicidade das províncias afastadas favorece o coração humano. As nações parecem valer bem mais, quanto mais se aproximam da natureza, mais dominam a bondade em seus caracteres. Nas cidades, quando se corrompem pela cultura, elas se depravam e transformam em vícios perniciosos alguns defeitos mais rudes do que nocivos (Rousseau, 2014, p. 695).

Rousseau então propõe que os jovens permaneçam pouco nas grandes cidades onde reina uma horrível corrupção. Para ele, as cidades “interiorianas”, mais afastadas, conservam homens mais simples, com juízo mais justo, gostos mais sadios e costumes mais honestos (Rousseau, 2014, p. 695). Emílio está preparado para preservar-se dos grandes vícios, ele traz grande apego em seu

coração. A grande diferença entre Emílio e seus contemporâneos é que aquele busca a realidade, enquanto esses a aparência.<sup>7</sup>

Em suas viagens, Emílio, percorreu por quase dois anos, grandes Estados da Europa e também muitos pequenos. Neste percurso, aprendeu várias línguas, história natural, tudo sobre os governos, artes, etc. O resultado é que o prazo final do homem está próximo e o que ficou decidido então? Eis que Emílio decide: “permanecer tal como me fizeste ser e não acrescentar voluntariamente nenhuma outra corrente à que me dão a natureza e as leis” (Rousseau, 2014, p. 697-698).

Não fossem as paixões que desnaturaram o homem, o caminho seria apenas o de seguir seu destino, mas a natureza e a ordem traçam leis eternas que a consciência e a razão devem sujeitar-se (Rousseau, 2014, p. 699).

A consciência e a razão são balizas gravadas no coração do homem livre. Para o bem viver é necessário “seguir-las”. De qualquer forma, ante aos vícios, o que há de mais precioso para o homem é a moralidade de suas ações e o amor da virtude. Lutando contra seus vícios, apesar de suas paixões, torna-se virtuoso. Como bem ressalta o genebrino: “Basta a aparência da ordem para levá-lo a conhecê-la e amá-la” (Rousseau, 2014, p. 701). Por isso o encanto de Rousseau pela vida patriarcal e do campo, pois considera mais tranquila, natural e doce ao coração humano (Rousseau, 2014, p. 701). Isso é representativo para o ambiente natural rousseuniano, pois é um cenário na qual o filósofo vislumbra uma vida mais harmoniosa. O desfecho do Livro V de *Emílio* reserva o relato da harmonia entre o casal – Emílio e Sofia (Rousseau, 2014, p. 711). O casal pode dar luz às coisas boas em seu entorno. Através deles, o campo pode ser vivificado e a terra pode assumir novos encantos. A vida harmoniosa vivida pelo casal se baseia em muitos valores como: amor mútuo e respeito, igualdade e complementaridade, virtude moral e integridade, atividades conjuntas, simplicidade, entre outros. Rousseau vê com bons olhos a formação deste homem virtuoso e ressalta que este é o protótipo que pode aproximar-se da natureza, mesmo em uma sociedade já corrompida (Rousseau, 2014, p. 702).

## **NOS PASSOS DA QUINTA CAMINHADA**

A Quinta Caminhada faz parte de um dos dez ensaios escritos por Rousseau, presente na obra *Os devaneios do caminhante solitário* (1782). A passagem reflete sobre a natureza humana e a sua relação com a natureza exterior, além de expor questões filosóficas e sociais. A obra deixa

---

<sup>7</sup> Na perspectiva de Rousseau, realidade baseia-se na natureza humana original, sentimentos autênticos e virtude moral, enquanto aparência relaciona-se à civilização e convenções sociais.

clara a valorização que Rousseau dá a natureza exterior e como ela é parte importante da humanidade, devendo ser preservada e valorizada.

A imagem criada através das caminhadas de Rousseau pode despertar um forte poder sedutor na relação entre o homem e o Cosmos. Através das mais belas paisagens vislumbradas pelo genebrino, evoca-se a proximidade com a natureza (Rousseau, 2017, p. 63). E natureza, aqui, tomada no sentido físico/ambiental. Tal proximidade também pode ser fonte de “tranquilidade, serenidade, ‘paz de espírito’” (Bezerra, 2019, p. 22).

Logo no início da Quinta Caminhada dos *Devaneios do Caminhante Solitário*, o genebrino destaca a felicidade que é conviver na Ilha de Saint-Pierre, Lago de Bienna. Um local ermo, pouco conhecido e que dá a impressão de ser um ambiente bem afastado. As características desse paraíso são as mais naturais possíveis: rochedos, arvoredos e tudo o que há de mais belo na vegetação natural (Rousseau, 2017, p. 63). E o genebrino completa a descrição: “encontram-se nela campos, vinhas, bosques, pomares abundantes, pastos sombreados por bosquezinhos e circundados por arbustos de toda espécie, cujo frescor é mantido pela margem das águas” (Rousseau, 2017, p. 64). Não há grandes estradas que levam até lá, tornando-se uma região pouco frequentada pelos viajantes. De acordo com o filósofo, existia uma única casa em toda aquela pequena ilha, “mergulhada” em uma variedade de culturas da natureza (Rousseau, 2017, p. 63).

Todo esse ambiente verde descrito “é interessante para contemplativos solitários que gostam de inebriar-se à vontade com os encantos da natureza e de se recolher num silêncio perturbado por nenhum outro ruído” (Rousseau, 2017, p. 63).

Para Rousseau esse é o ambiente perfeito para “fugir” e isolar-se do mundo. Seu propósito nesse refúgio era terminar seus dias por ali, como um confinamento para o resto da vida dele, tamanha a sensação de encanto e conforto que aquele ambiente natural lhe provocara (Rousseau, 2017, p. 64). Dois meses passados neste local, no mais completo estado de felicidade e que poderia ser muito mais, tendo em vista a “ocupação deliciosa e necessária de um homem que se dedicou ao ócio” (Rousseau, 2017, p. 65).

No mais perfeito estado de regozijo, Rousseau se enlaçara a si mesmo naquele ambiente, numa espécie de encanto consigo mesmo e com a ordem, com aquilo que o rodeava. Começam os seus primeiros gostos pela botânica e descrever todas as plantas da ilha não lhe era uma ocupação forçosa.

Nesse estudo de botânica da ilha que Rousseau se propõe, nada é mais belo que o regozijo para com a natureza e o ambiente que o envolve. Um sentimento único, que coloca o homem em perfeita conexão com o seu ambiente, de modo que: “nada é mais singular do que os arrebatamentos, os êxtases que eu sentia a cada observação que fazia sobre a estrutura e a

organização vegetal e sobre o funcionamento das partes sexuais na frutificação” (Rousseau, 2017, p. 66).

Para Rousseau, o estudo da botânica é concebido em um aspecto muito mais filosófico do que biológico, “trata-se de apreender a unidade harmônica da natureza como um todo” (Tredanaro, 2018, p. 175). A partir da tomada dos estudos das plantas, por exemplo, o filósofo afirma que é possível tomarmos consciência de nós mesmos. É o elemento externo se fazendo presente nas relações humanas. Nesse sentido, de a botânica alçar outra dimensão além da científica, verifica-se que a observação deixa o detalhe de lado para encontrar o aspecto global. Desse modo, Tredanaro explica que: “Rousseau ultrapassa a concepção mecanicista da natureza e recupera o nexos entre ciência, teleologia e metafísica” (Tredanaro, 2018, p. 175). Para Rousseau, a natureza é uma entidade viva, de modo que a ciência deve ser complementada com o aspecto metafísico dessa natureza. Ainda sobre o aspecto de fugir da finalidade utilitária da botânica, Catherine Larrère afirma que: “a botânica pode ser uma ciência contemplativa, se se entende por contemplação uma mistura de sensibilidade ativa e passiva, interna e externa, que permite a fruição do acordo com o que se realiza entre o mundo exterior e a sensibilidade interior” (Larrère, 2013, p. 26).

Estudar as plantas somente através das relações essenciais estabelecidas pelas ciências significa extrair a vida das plantas (Rousseau, 2017, p. 87). Para o genebrino, a botânica acompanha o curso da vida em uma marcha livre. O passeio do caminhante deve servir à observação e captação da natureza de maneira natural, sem fim ulterior (Rousseau, 2017, p. 89). A procura desses “objetos exteriores” e o “concurso dos objetos sensíveis, em sua diversidade” são ações que “permitem ao caminhante esquecer seus infortúnios” (Larrère, 2013, p. 26). Desse modo, a caminhada desinteressada do botânico tem o objetivo único de apreender a beleza da ordem que a natureza proporciona.

É notável que Rousseau, diante de suas obras e também movido pela beleza externa que o cerca, principalmente no final de sua vida, tenta desvelar a natureza do homem e a história que o afastou de seu estado primitivo. Nesse processo de desvelar a sua natureza, é aflorado o sentimento de existência, que se despoja de outras pretensões que são adocicadas pelos tormentos das paixões contínuas que impedem de sentir o encanto (Rousseau, 2017, p. 70).

Desse modo, o sentimento de existência denota ao homem o encontro com aquilo que ele tem de mais vívido, a sua essência ou um movimento mais próximo a isso. Nesse aspecto, talvez Rousseau propusesse que o movimento da vida deva ser uniforme e moderado, a fim de destacar a natureza que perdura dentro de nós e que pode conviver harmonicamente com o ambiente de forma concatenada e ecológica.



Portanto, a Ilha de Saint-Pierre, revela o protótipo de uma vida perfeita para Rousseau, e assume a sensibilidade do autor no que se refere ao cuidado com a natureza e com aquilo que imagina viver em bem-estar.

Nas últimas páginas da Quinta Caminhada, Rousseau afirma que esse tipo de devaneio poderia lhe trazer sentimentos de bem estar em qualquer lugar que fosse tranquilo. Mas, em seguida, ele confessa que seria mais agradável em uma ilha fértil e solitária, longe das grandes aglomerações do mundo (Rousseau, 2017, p. 71). Nos *Devaneios*, Rousseau está tão absorto na natureza que a fronteira entre o exterior e o interior parece desfeita. Isso deve à conexão criada com a natureza. Ao admirar a beleza e simplicidade que ela proporciona, o caminhante deixa de absorver os seus problemas e se concentra na paz e equilíbrio que esse ambiente oferece. A natureza em Rousseau tem esse papel de ultrapassar as barreiras entre o interior e exterior, e através dela podemos nos conciliar com nós mesmos e adquirir uma sensibilidade maior.

Portanto, o ambiente natural que Rousseau discorre na Quinta Caminhada, através de sua experiência na ilha, permite sentir sua própria existência, fator importante para compreender a espécie de devaneio na qual o genebrino se entrega. A harmonia e o espetáculo que a natureza promove, causa efeito nos seres mais sensíveis, que estão dispostos a contemplar e usufruir das belezas da paisagem natural. Nesse sentido, Rousseau é esse homem que sempre se move em direção ao selvagem, em um ambiente com grande força terapêutica. É desse modo que “o filósofo satisfaz sua constante busca pelo repouso tranquilo e sereno que o permite, no fim das contas, o encontro consigo mesmo” (Bezerra, 2019, p. 36). Neste cenário, o homem encontra os verdadeiros prazeres e pode estabelecer uma vida mais feliz e harmoniosa.

Rousseau possuía difícil temperamento e muitas vezes a convivência não era algo simples. Teve uma infância marcada por questões melancólicas e tristes e, além disso, sofreu com as perseguições e decepções com a sociedade. Desse modo, ele se viu na incumbência de procurar refúgios na natureza. O contato com a natureza podia lhe ajudar com a sua angústia e sofrimento, ao mesmo passo que compreendia a fonte de felicidade que ela oferece ao homem. Desse modo, principalmente com base nos *Devaneios*, a natureza para Rousseau pode ser considerada como refúgio para suas dores pessoais e também como celebração da vida como ideal de felicidade. Portanto, os *Devaneios* simbolizam a procura de um alívio para as suas angústias e a afirmação de que a natureza pode trazer equilíbrio para o bem viver humano.

## **A SENSIBILIDADE DO JARDIM DE JÚLIA**

A obra *Júlia ou a Nova Heloísa*, lançada em 1761, revela a celebração do amor e da sensibilidade que se deseja transmitir aos seres humanos e ao universo. Talvez possa ser considerado o maior romance epistolar do século XVIII, dada a sua importância e ficção narrativa, além do grande sucesso que a obra teve naquele século. Parte da história se dá entre cartas trocadas entre os personagens Júlia e Saint-Preux. A grande diferença na troca de cartas entre estes amantes, é que Rousseau também aborda questões filosóficas e sociológicas da época, mas sem perder de vista a essência do romance. Através de Saint-Preux, Rousseau ressalta a predileção do personagem pelas paisagens, principalmente as montanhas do Valais, “uma mistura espantosa de natureza selvagem e natureza cultivada” (Rousseau, 2018, p. 82).

A magnitude e grandeza dos elementos que compõe as montanhas excitam o personagem: “ora imensas rochas pendiam em ruínas acima de minha cabeça. Ora altas e ruidosas cascatas inundavam-me com sua espessa névoa. Ora uma torrente eterna abria ao meu redor um abismo cuja profundidade os olhos ousavam sondar” (Rousseau, 2018, p. 81). Diferentemente da contemplação mais tranquila do caminhante, aqui aparenta uma admiração mais espantosa com o que se vê.

Interessa-nos mais aqui, expor sobre a Carta XI da Quarta Parte, que trata da descrição do agradável Jardim de Eliseu, e a Carta II da Quinta Parte, que revela algumas condições dos camponeses. Duas passagens que representam o ambiente natural perquirido por Rousseau em grande parte de suas obras.

A Carta XI (2018, p. 409) inicia ressaltando o gosto da vida retirada, para aqueles que se entregam a uma vida livre das perturbações das paixões. Rousseau entende que as ocupações úteis da vida não devem se restringir apenas aos trabalhos, mas sim a tudo o que conserva uma vida mais sadia, simples e inocente.

Para fugir das ocupações que trazem apenas algum tipo de utilidade e buscar o encanto do ócio, a carta descreve um local retirado, chamado de Jardim de Eliseu. O local é descrito como coberto por densa alameda e folhagens bastante espessas, o que dificulta a observação direta (Rousseau, 2018, p. 410). A carta (escrita por Saint-Preux a Milorde Eduardo) revela a sensação ao adentrar em seu recinto e a admiração ao se deparar com aquele ambiente natural. Os sentimentos propiciados por todo o tipo de “artefatos naturais” que o circunda naquele momento, traz à tona os efeitos mais agradáveis possíveis ao homem.

Por essas características mencionadas, o Jardim de Eliseu é tido como lugar de paz e tranquilidade, um refúgio da sociedade e suas opressões. O Bom Selvagem obviamente vivia em um estado sem essas preocupações, mas também representa uma vida harmoniosa e simples,

distante das influências negativas da sociedade. De certo modo, o Jardim de Eliseu também tem esse significado de realçar essa essência da natureza em defesa de uma vida mais simples e natural.

O ócio contemplativo de estar neste agradável asilo era cada vez mais prazeroso à medida que percorria os estreitos caminhos do jardim. A sensação de bem estar se torna indescritível e a vontade é apenas de contemplar, sem a imposição da reflexão (Rousseau, 2018, p. 412-313). Ao apresentar o seu jardim à Saint-Preux, Júlia ressalta que tudo ali é construído pela natureza, mas sob seu olhar. Longe de supor algum conflito entre o homem e a natureza, ela trata essa relação (homem x natureza) como uma cooperação. Trata-se de fazer as coisas e agir junto “com” a natureza. O homem deve andar sempre em harmonia com a natureza em vez de tentar dominá-la ou controlá-la, por isso a relação deve ser de cooperação. Eis o cuidado de Rousseau para com a natureza.

Rousseau critica as pessoas ricas que pensam pouco em seus prazeres e abdicam dessas experiências sensoriais. Ressalta que a “pressa de gozar, a força e o dinheiro são os únicos meios que conhecem, possuem pássaros nas gaiolas e amigos a tanto por mês” (Rousseau, 2018, p. 414). De outro modo, no que competem aos pássaros, entre os arvoredos eles têm a liberdade e as matérias para criarem seus próprios ninhos, “a eterna tranquilidade de que gozam leva-os a pôr ovos num lugar agradável onde nada lhes falta, onde ninguém os perturba” (Rousseau, 2018, p. 414).

Para além das ocupações domésticas e as relações paternas, para Júlia era essencial estar ali sob o encanto e o espetáculo que a natureza lhe reservava. O Jardim de Eliseu, a princípio, poderia se imaginar que fosse um local preservado com muitos cultivos e cuidados da mão humana. Mas não, “tudo é verdejante, fresco, vigoroso e a mão do jardineiro não aparece: nada desmente a ideia de uma ilha deserta que me veio à mente ao entrar e não percebo nenhum passo humano” (Rousseau, 2018, p. 416). A própria natureza se encarrega de sua arte, de modo que nada tenha que seguir uma simetria ou nivelamento.

A natureza “cria” um ambiente que parece até mesmo serem ocultos ao homem, seus atrativos são sensíveis para olhares passageiros. Tem-se a sensação que a “mão invisível” do jardineiro a tudo teceu e dá sustento a todas as relações humanas. Tal ideia pode ser demonstrada através do seguinte trecho da Carta XI da Quarta Parte de *Júlia ou A Nova Heloísa*: “a natureza parece querer ocultar aos olhos dos homens seus verdadeiros atrativos, aos quais são por demais pouco sensíveis e que desfiguram quando estão ao seu alcance” (Rousseau, 2018, p. 416).

Aquilo que a natureza oferece aos olhos do homem, encanta e não necessita de convenções e grandes cultivos, tudo está “colocado”, está “pronto”. Mas Rousseau alerta em *A Nova Heloísa*

que “certamente todo homem que não goste de passar belos dias num lugar tão simples e tão agradável, não possui um gosto puro nem uma alma sã” (Rousseau, 2018, p. 420).

Ao contrário do que a natureza já propicia, de maneira gratuita, o homem procura, através da arte, criar ambientes naturais artificiais. No romance, ele exemplifica, referindo-se a jardins que Saint-Preux observou na China: “Eram rochas, grutas, cascatas artificiais em lugares planos e arenosos onde só existe água de poço; eram flores e plantas raras de todos os climas da China e da Tartária, reunidas e cultivadas num mesmo solo” (Rousseau, 2018, p. 420). E arremata: “A natureza apresentava-se sob mil aspectos diversos e todo o conjunto não era natural” (Rousseau, 2018, p. 420).

Rousseau, então, através de Saint-Preux, na carta enviada a Milorde Eduardo, preferiria que os homens não precisassem pensar nos trabalhos e cálculos que custaram para se criar um local agradável e de divertimentos (Rousseau, 2018, p. 421).

A manutenção do Jardim de Eliseu deveria receber maiores cuidados, mas que não se tornasse um penoso trabalho, a fim de divertimentos supérfluos. O Jardim de Eliseu se revela em um espaço agradável de convivência, tal a sensação de bem estar que aquele ambiente natural lhe proporciona. O jardim pode remeter a um significado de plena harmonia entre as relações humanas e o meio em que lhe vive. Em um ambiente solitário como esse, agradáveis pensamentos podem “expulsar” todos os resquícios da ordem social que fizera o homem infeliz. O ambiente envolto com todos os encantos produzidos pela natureza pode refletir no coração humano. Os devaneios propiciados nestes momentos elevam a um estado de bem estar e prazer consigo mesmo no qual o mal não pode conhecer.

Também a Carta II da Quinta Parte do romance (2018, p. 457) traça momentos mais próximos na relação entre o homem e a natureza. Saint-Preux assegura ao amigo Milorde Eduardo que recuperou a paz da alma e narra a simplicidade e o encanto que encontrou naquele retiro (Rousseau, 2018, p. 457). A vida privada do Sr. e da Sra. de Wolmar é narrada em detalhes e a harmonia presente na vida do casal comove sensivelmente o coração do escritor. O ambiente ali produzido, longe da vida agitada e barulhenta dos grandes centros, ressoa em “corações satisfeitos e rostos alegres” (Rousseau, 2018, p. 457). Saint-Preux reforça o significado da vida uniforme e retirada que ali encontra na imagem afeiçoada do casal.

A forma como administram e valorizam seus bens também impressionou Saint-Preux, sem grandes riquezas e abundâncias. O casal é visto como ideal de sabedoria e vida simples. O Sr. de Wolmar é tido como sujeito justo e sábio e a sua esposa como mulher de virtude e generosa. Um casal que prima pela vida em comunidade e pelo viver em bem-estar. De modo geral, ele

impressionou-se com “o bem-estar, a liberdade, a alegria no meio da ordem e da exatidão” (Rousseau, 2018, p. 459).

Tratando a Carta, sobre as condições do homem do campo (2018, p. 463), ressalta que a condição natural “é a de cultivar a terra e viver de seus frutos”, em mais um exemplo da relação entre o homem e o ambiente natural.

Esta relação mais próxima do homem com o seu entorno, que remete a uma sintonia e a uma maior sensibilidade, de acordo com o genebrino, é o necessário e mais útil (Rousseau, 2018, p. 463). Sobre tal estado e a importância dessa relação mais íntima com o natural, Rousseau afirma: “é nele que consiste a verdadeira prosperidade de um país, a força e a grandeza que um povo tira de si mesmo, que em nada depende das outras nações, que nunca obriga a atacar para manter-se e fornece os meios mais seguros para defender-se” (Rousseau, 2018, p. 463).

Desse modo, uma vida retirada, como a destacada pelo romance, pode despertar para uma vida “mais leve” e agradável, distante das ocupações viciosas e intransigentes, em um ambiente que tenha por objeto apenas o alimento de uma alma sã e a saúde do corpo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão tem-se que o ambiente natural, formado a partir da relação entre o homem e o seu exterior, apresenta-se como um elemento externo, de certa forma, implícito na obra do genebrino e que o acompanha praticamente em todo o percurso de suas obras. Mesmo afastado de sua condição originária, o homem pode, mesmo que seja em determinados e pontuais momentos, se reconciliar com a sua natureza e cultura através de sua autonomia e o desenvolvimento de suas potencialidades (Rousseau, 2014, p. 9).

Mesmo diante da degradação da condição humana, a sua identidade natural segue imaculada e intacta em meio ao caos. Nesse sentido, é possível pensar no resgate dessa essência. A imagem do homem foi alterada, mas não totalmente, pois ainda possui traços característicos que indicam a possibilidade de reconfiguração valendo-se dessas características originais.

A autonomia adquirida e o alargamento das potencialidades humanas devem contribuir para que o homem desenvolva uma vida harmoniosa e equilibrada, sem os excessos (Rousseau, 2014, p. 616). O desenvolvimento excessivo da sociedade afasta os homens de sua essência natural e causa desequilíbrio. Ao homem é pretendido que se desenvolva naturalmente, sem os malefícios da sociedade. No entanto, isso não ocorre. Cabe ao trabalho de reconfiguração estabelecer relações mais simples e diretas, observando o processo cultural. Nesse sentido, é necessário o retorno à simplicidade, em que a cultura e o progresso sejam usados apenas para atender às necessidades

básicas da vida.

Para esse fim, a educação de Emílio serve como parâmetro, de modo a descortinar a consciência para que atue nas relações sociais. Obviamente, o homem reconfigurado, melhor dizendo, reconciliado com a sua natureza e cultura terá identidade distinta do homem primitivo. Mas, ainda assim, mergulhado no caos social, terá autonomia e domínio para não se submeter às paixões e vícios, ou seja, aos excessos de maneira geral.

Portanto, no percurso realizado pelo homem por meio de seu ambiente natural, seja no estado de natureza, seja no estado social, ou na solidão dos *Devaneios*, do homem primitivo ao que se desnaturou, revela-se o cuidado que o pensador de Genebra demonstra para com a natureza (interior e exterior). Reforça que mesmo inserido em um cenário degradado, no plano ético o homem possui autonomia e potencialidade para conciliar-se com a natureza e cultura a fim de viver em um estado mais harmonioso e de bem estar.

## REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Gustavo Cunha. Nas trilhas de Rousseau: a paisagem natural e os devaneios. In: RAMIRO, P. A. (org). *Turismo, cultura e meio ambiente*. Coletânea franco-brasileira. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.
- LARRÈRE, C. Jean-Jacques Rousseau: o retorno da natureza?. *Cadernos de ética e filosofia política*, 2(21), p. 13-30, 2013. Acesso em: dez. de 2024. <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/56546>, 2013.
- PISSARRA, M. C. P. *Rousseau – a política como exercício pedagógico*. São Paulo: Moderna, 2002.
- PRADO JR., B. *A retórica de Rousseau e outros ensaios*. Org.: Franklin de Mattos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- ROUSSEAU, J-J. *Emílio ou Da Educação*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- ROUSSEAU, J-J. *Júlia ou a nova Heloísa*. Tradução: Fulvia Moretto. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2018.
- ROUSSEAU, J-J. *Os devaneios do caminhante solitário*. Tradução, introdução e notas: Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017.
- SALINAS FORTES, L. R. *Rousseau: o bom selvagem*. São Paulo: FTD, 1989.
- STAROBINSKI, J. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- TREDANARO, E. Rousseau e a botânica: uma promenade entre observação científica e contemplação. In: *Dois Pontos*, Curitiba, São Carlos, v. 15, n. 1, p. 171-181, abril de 2018.

**Recebido em:** 21/06/2024.

**Aprovado em:** 12/12/2024.